

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM - FACL
POLO UNIVERSITÁRIO DE TOMÉ-AÇU
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

ANTONIO MARCOS LOPES FREITAS

O VALOR DO MITO EM ACAUÃ DE INGLÊS DE SOUSA.

TOMÉ-AÇU-PA

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM - FACL
POLO UNIVERSITÁRIO DE TOMÉ-AÇU
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

ANTONIO MARCOS LOPES FREITAS

O VALOR DO MITO EM ACAUÃ DE INGLÊS DE SOUSA.

O Trabalho de Conclusão do Curso é um requisito válido como forma de avaliação para a Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa.

TOMÉ-AÇU-PA

2018

ANTONIO MARCOS LOPES FREITAS

O VALOR DO MITO EM ACAUÃ DE INGLÊS DE SOUSA.

O Trabalho de Conclusão do Curso é um requisito válido como forma de avaliação para a Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____
Prof. Francisco José Corrêa Araújo
Universidade Federal do Pará - UFPA

Membro Externo: _____
Prof. Augusto Moutinho Miranda
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Membro Externo: _____
Prof. Me. Messias Lisboa Goncalves
Universidade Federal do Pará – UFPA

Julgado em: 01/06/2018

Conceito: EXCELENTE

EPIGRAFE

“O mito não se define pelo objeto da narrativa ou do relato, mas pela forma como narra ou pelo modo como profere a mensagem, de fato, qualquer tema e qualquer ser podem ser objeto do mito, tornam-se míticos ao se transformarem em valores e símbolos sagrados.” CHAUI (2000)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pelas graças que derrama todos os dias sobre mim e toda a minha família. Por me dá forças para continuar e seguir sempre em frente.

Aos meus familiares pelo apoio e colaboração ao longo de minha formação acadêmica. Por contribuir para que eu pudesse ter um caminho mais prazeroso ao longo desses anos.

A todos os professores pela paciência, dedicação, companheirismo e incentivo. Em especial ao meu orientador pela dedicação e o incentivo na conclusão deste trabalho.

Aos meus colegas de turma pela amizade construída no decorrer do curso que proporcionou momentos bastante agradáveis e divertidos.

E às pessoas que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste estudo.

RESUMO

A presente pesquisa intitulada - O valor do mito em Acauã de Inglês de Sousa – teve como objetivo refletir sobre o significado do mito e sua influência na formação da identidade cultural do povo amazônico. Para tal, foi preciso desvendar o significado do mito e qual a sua influência nas sociedades em que ele faz parte como expressão cultural. Nesse processo percebemos que o mito é um termo extremamente complexo, pois para defini-lo, temos que levar em consideração vários contextos. Por isso, a pesquisa estudou o mito em diversas perspectivas: literária, histórica, antropológica. Em todas as perspectivas estudadas percebemos que o mito é considerado uma narrativa que colabora na explicação da origem de um fenômeno ou experiência humana a qual influencia na conduta cultural do homem. Outra proposta do trabalho foi relacionar o mito com a formação cultural de um povo. Essa proposta teve o intuito de desvendar qual a influência que o mito exerce na formação cultural do indivíduo. Através das teorias estudadas sobre o assunto, chegamos à conclusão que o mito e a cultura podem ser considerados como a base do desenvolvimento das práticas e das ações humanas responsáveis pela construção da realidade e do mundo. Para melhor compreensão, reservamos um momento da pesquisa para conceituar a cultura e a identidade cultural, pois entendemos que, para se estabelecer uma relação entre formação cultural com o mito é preciso definir o que ambos os termos significam. Após as apresentações das teorias acerca do mito, cultura e identidade cultural, esse trabalho fez uma análise do conto "Acauã" de Inglês de Sousa 1893, onde mostrou algumas referências de lendas amazônicas presentes no conto. A metodologia utilizada foi através de pesquisas bibliográficas, fundamentada nos estudos de Campbell (1991), Cassirer (1992), Chauí (2000), Eliade (1978), Rocha (1996), Vernant (1992), entre outros que abordam o tema do mito em seus trabalhos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Mito, Cultura, Acauã.

ABSTRACT

The present research titled - The value of the myth in Acauã de Inglês de Sousa - had as objective to reflect on the meaning of the myth and its influence in the formation of the cultural identity of the amazonian people. For that, it was necessary to unravel the meaning of the myth and what its influence in the societies in which it forms part as a cultural expression. In this process we realize that myth is an extremely complex term, because in order to define it, we have to take into account several contexts. Therefore, the research studied the myth from different perspectives: literary, historical, anthropological. In all the studied perspectives we perceive that the myth is considered a narrative that contributes in the explanation of the origin of a phenomenon or human experience that influences in the cultural conduct of the man. Another proposal of the work was to relate the myth to the cultural formation of a people. This proposal had the purpose of discovering the influence that the myth exerts on the cultural formation of the individual. Through the theories studied on the subject, we came to the conclusion that myth and culture can be considered as the basis of the development of human practices and actions responsible for the construction of reality and the world. For a better understanding, we reserve a moment of research to conceptualize culture and cultural identity, because we understand that, in order to establish a relationship between cultural formation and myth, it is necessary to define what both terms mean. After the presentations of theories about myth, culture and cultural identity, this work made an analysis of the "Acauã" short story of Sousa 1893, where he showed some references of Amazon legends present in the story. The methodology used was based on studies of Campbell (1991), Cassirer (1992), Chauí (2000), Eliade (1978), Rocha (1996), Vernant (1992), among others. myth in their works.

KEY WORDS: Literature, Myth, Culture, Acauã.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1- TEORIAS SOBRE O MITO	11
2- O MITO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DO POVO AMAZÔNICO	21
3- O VALOR DO MITO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE INGLÊS DE SOUSA	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

A elaboração deste trabalho intitulado “O valor do mito em acauã de Inglês de Sousa” teve como objetivo refletir sobre o significado do mito e sua influência na formação da identidade cultural do povo amazônico. Ao longo de muitas pesquisas de caráter bibliográficas percebemos que o termo “mito” é bastante complexo, pois ele pode ser abordado por diferentes perspectivas: históricas, antropológicas e literárias.

Por se tratar de um termo que abrange diferentes linhas de pesquisa, este trabalho se embasou em diferentes autores, são eles: Campbell (1991), Cassirer (1992), Chauí (2000), Eliade (1978), Rocha (1996), Vernant (1992), entre outros que abordam o tema do mito em seus trabalhos.

O primeiro capítulo se propôs a determinar o que é o mito e qual a sua função para as sociedades que atribuem a ele um valor de significância, onde o mito não é visto apenas como uma história fictícia, mas sim uma história que representa o surgimento de uma realidade ou um modelo de conduta. Para isso, foi realizado o levantamento de algumas teorias a respeito deste tema. Conforme Campbell (1991), Cassirer (1992), Chauí (2000), Eliade (1978), Rocha (1996), Vernant (1992).

A palavra mito tem origem etimológica do grego “*mythos*” que significa: dizer, contar, falar. O mito para o senso comum é sinônimo de mentira, uma história inventada. No entanto, para alguns historiadores da religião e antropólogos, o mito é considerado uma história verdadeira, pois apresenta elementos que o credencia como uma história sagrada.

O mito também é visto como uma tentativa de explicar uma realidade desconhecida para o homem.

Para desvendar alguns dos segredos do mito, o primeiro capítulo deste trabalho fez um levantamento que foi desde os tempos primordiais com as teorias de Ernst Cassirer (1992), Mircea Eliade (1972), entre outros, até o interior da mente humana com a psicanálise de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung citados no livro “O que é Mito” de Everaldo Rocha.

O segundo capítulo fez uma reflexão sobre a influência do mito para a formação da identidade cultural de uma pessoa, dando destaque para a região amazônica. Nessa pesquisa descobrimos que o mito influencia o modo de vida das pessoas em que nele acredita. Segundos os teóricos aqui estudados, quando o indivíduo interage e internaliza o mito de uma determinada região passa a adotar alguns comportamentos provenientes dos ensinamentos da narrativa mítica a qual ele foi introduzido.

Antes de falar da Amazônia e de suas lendas, o capítulo explanou o conceito de cultura e de identidade cultural. Com esse intuito, foi escolhido para dar suporte teórico a autora Marilena Chauí com sua obra “convite a filosofia”. Neste livro a autora defende a ideia que a cultura se define como um conjunto de regras que servem como guias para a conduta e para as práticas do homem em sociedade.

O que se pode dizer sobre a identidade cultural é que ela está atrelada a relação do indivíduo com a cultura de um determinado povo ou região. O sujeito é guiado a interiorizar os moldes culturais que lhe são colocados, até o momento em que se identificar com seu grupo de origem.

A identidade cultural faz com que o indivíduo seja capaz de se identificar com marcas características de uma cultura. Essas marcas culturais além de integrar o indivíduo a uma comunidade, faz com que o sujeito seja reconhecido como um ser característico de uma região.

No caso da região amazônica uma das características que evidencia a sua cultura é o convívio do homem com o meio ambiente e a natureza. Essa relação dos habitantes da região amazônica com a natureza é retratada em várias lendas do folclore da regional.

Por fim, no terceiro capítulo apresentamos um conto de Inglês de Sousa intitulado “Acauã” contida na obra “contos amazônicos” de 1983. Nessa obra, Inglês de Sousa, procurou evidenciar a região e os costumes do interior do estado do Pará misturando à sua ficção algumas lendas oriundas da região amazônicas.

Sendo assim, fizemos uma relação entre o conto “Acauã” com algumas lendas que podem ser percebidas na narrativa de Inglês de Sousa.

1- TEORIAS SOBRE O MITO

Para escrever sobre o mito, primeiramente, é preciso entender e definir esse termo que é tão difícil de ser classificado. É necessário ter a compreensão que a palavra mito possui múltiplos significados e que tal significados é proveniente do valor que o termo adquiri, nas sociedades em que está inserida, ao longo da história. O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordado de diferentes perspectivas.

Para muitos estudiosos o mito é, geralmente, histórias sobre deuses. Quando transmitidas em uma ordem, formam o sistema de uma mitologia, como por exemplo, a greco-romana.

Há, no entanto, várias abordagens sobre o mito que vão além de simples narrativas e ambas possuem uma interpretação particular sobre este fenômeno.

Podemos começar a explanar este assunto pela visão dos naturalistas. Conforme Everaldo Rocha (1996), esta teoria parte do princípio de que em um momento primitivo da história o homem se deparou com os eventos da natureza, este homem primitivo, com toda a sua fragilidade frente a este acontecimento, passa a contemplar este fenômeno. As regularidades, as diversidades e as alternâncias que estes fenômenos naturais proporcionavam eram a fonte das atividades simbólicas que se transformaram em mitos. O mito, então, seria uma atividade humana, resultado das reflexões que faz sobre o mundo.

A ideia animista de Bunnertt Taylor, citado na obra de Rocha (1996), conjectura que o mito surgiu a partir do momento em que o homem primitivo passou a acreditar que os elementos da natureza poderiam ser personificados, no sentido de animação e personificação. A experiência humana de representar seu espírito de supor sua alma, permitiria pensar nesta mesma possibilidade para o restante do universo.

Ernst Cassirer (1992) cita Herder a respeito desse assunto:

“Herder, em seu notável ensaio sobre a origem da linguagem, sublinhou este caráter mítico de todos os conceitos verbais e lingüísticos. "Visto que toda a Natureza ressoa, nada mais natural, para o homem sensível, que ela viva, fale, atue. Certo silvícola vê uma árvore grandiosa, de copa magnífica, e admira-se; a copa rumoreja! É a divindade que se irrita! O selvagem cai de joelhos e adora! Eis a história do homem sensível, o obscuro liame pelo qual os *Verba Nomina* se tornam, e seu fácil passo até a abstração!" (CASSIRER, 1992, p. 101-102)

Podemos pressupor que o homem sensível não é apenas o homem primitivo, mas sim todo homem que encara a natureza e a reconhece como um mecanismo preponderante para a existência e o surgimento da vida. Este homem sensível em frente a natureza a contempla e a preserva. Esse pensamento lembra a relação de muitos povos amazônicos com a floresta. Para esses povos, a floresta é fonte de vida e de sustentação, por isso a preservam e a admiram.

A aceção do mito como uma história falsa ou fictícia ganhou muito prestígio nas sociedades contemporâneas sobretudo no senso comum, no entanto, para os antropólogos, etnólogos, historiadores da religião do século 20, não tem o porquê questionar se o mito é uma história verdadeira ou não. O mito é uma história verdadeira naquele contexto cultural em que ele é vivenciado.

Mircea Eliade (1972) fala sobre o mito, nas sociedades arcaicas, como um modelo para as atividades humanas. Para o autor "a principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria" (1972, p.10).

"O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser." (ELIADE, 1972, p. 9)

Neste sentido, o autor citado se refere ao mito como uma história sagrada para aquela sociedade, portanto representa uma história verdadeira, afastando-se do sentido de uma narrativa fantasiosa. O mito então é encarado como uma tentativa de explicar uma origem ou uma criação.

Para Eliade (1972) o mito se distingue das histórias falsas, pois ele relata acontecimentos intrínsecos a existência humana. As histórias falsas narram acontecimentos que não modificaram a condição humana nem determinaram a sua essência.

"Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje - um ser mortal, sexuado,

organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras. Se o Mundo existe, se o homem existe, é porque Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no "princípio". (ELIADE, 1972, p. 13).

O mito na visão do autor seria uma forma de explicação para todas as questões inquietantes do homem primitivo, quando este homem se deparava com um fenômeno o qual não poderia ser compreendido e explicado.

Em comparação ao que diz Eliade (1972), podemos citar a região amazônica onde existem vários mitos e lendas oriundas dos povos indígenas. Essas lendas foram a forma que esses povos encontraram para explicar o surgimento de sua realidade. Podemos citar por exemplo a lenda do surgimento da mandioca, do guaraná, dos igarapés, entre tantas outras.

Eliade (1972) faz uma relação entre mito, para o homem primitivo, e a História, para o homem moderno. Assim como o homem moderno é constituído pela História, o homem das sociedades arcaicas é constituído pelo resultado de um certo número de eventos míticos.

Dessa forma, segundo Eliade (1972), o homem moderno do ocidente pode raciocinar que a sua existência, ou o que ele é hoje, é proveniente de determinadas coisas que aconteceram consigo, mas esses acontecimentos só foram permitidos porque eventos, que modificaram o pensamento do homem, sua estrutura social, seu estilo de vida, aconteceram no passado, tal como: agricultura foi descoberta há uns oito ou nove mil anos, as civilizações urbanas se desenvolveram no antigo Oriente, Alexandre Magno conquistou a Ásia e Augusto fundou o Império Romano, Galileu e Newton revolucionaram a concepção do universo, abrindo o caminho para as descobertas científicas e preparando o advento da civilização industrial, houve a Revolução Francesa e as ideias de liberdade, democracia e justiça social abalaram os alicerces do mundo ocidental após as guerras napoleônicas, e assim por diante.

Para o pensamento do homem primitivo a sua existência também é o resultado de inúmeros eventos, no entanto, são eventos que ocorreram nos tempos míticos, são histórias sagradas, pois os personagens das narrativas não são humanos, mas entes Sobrenaturais.

A diferença é que na História há uma linearidade e irreversibilidade dos eventos, e, apesar de a história ter caráter universal, o ser humano não precisa conhecê-la em sua totalidade. Mesmo assim, o homem moderno relembra e comemora os eventos históricos do passado, mas os fatos em si não podem ser reatualizados.

Para o homem primitivo o que aconteceu nos contos míticos podem ser repetidos através dos ritos. Nessas sociedades arcaicas conhecer os mitos é desvendar o segredo da

origem das coisas. Conhecendo essa origem o homem é capaz de repetir o momento da criação quando se fizer necessário. "Em outros termos, aprende-se não somente como as coisas vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam quando desaparecem"(ELIADE, 1972, p. 14).

Os rituais ensinam como as coisas são e como essas coisas passaram a existir e os homens ao atualizar o mito, através do rito, estão o repetindo, não como um conteúdo simbólico, mas como uma experiência vivencial, no momento em que se narra, o mito está presente, não como símbolo, mas como uma força de presentificação, plena de significado porque essa narrativa instaura o mundo, o seu sentido e o seu significado.

Para Marilena Chauí (2000), o mito é uma fala, um relato ou uma narrativa, em que o tema principal é a origem do mundo, dos homens, das técnicas, dos deuses, das relações entre homens e deuses, entre outros. O mito não se define pelo objeto da narrativa ou do relato, mas pela forma como narra ou pelo modo como profere a mensagem, de fato, qualquer tema e qualquer ser podem ser objeto do mito, tornam-se míticos ao se transformarem em valores e símbolos sagrados.

Abordando a questão do mito e a sua relação com a sociedade em que está inserido, Jean-Pierre Vernant (1992), faz uma distinção entre *mythos* e *logos*. Para o autor, inicialmente, havia uma relação estreita entre o pensamento lógico e o pensamento mítico. Essa relação foi se distanciando por volta do século oitavo e o século quarto a.c. Um fator que contribuiu para esse distanciamento foi o surgimento da palavra escrita. Segundo o autor, com a escrita o homem desenvolve um novo nível de pensamento, da forma que, o discurso escrito é feito através de uma análise mais profunda e exata da matéria conceitual, dessa forma, cria-se um processo de racionalização do real. "Na e pela literatura escrita instaura-se esse tipo de discurso onde o *logos* não é mais somente palavra [como o *mythos*], onde ele assumiu o valor de racionalidade demonstrativa e se contrapõe, nesse plano, tanto pela forma quanto pelo fundo, à palavra *mythos*". (VERNANT, 1992, p. 174).

Outra distinção entre a palavra escrita e a palavra falada são os efeitos que elas possuem sobre os seus receptores. A escrita procura convencer o leitor sobre a informação por ela transmitida utilizando recursos próprios desta modalidade linguística e exige do leitor uma postura mais crítica. A utilização da palavra falada pressupõe uma relação encantatória entre o falante e o ouvinte, pois recursos típicos da oralidade são acionados: qualidade vocal, entonações, expressões corpóreas, entre outros. Desse modo, evidencia-se uma diferença entre

mythos e *logos*. Onde *mythos* exerce o papel do fascinante, do fabuloso e *logos* está voltado para a ordem do verdadeiro.

Vernant (1992) também aponta uma diferença entre mito e história. Nesse caso o mito também é visto no campo do fabuloso e a história condizente com algo real e verdadeiro. Nessa vertente o mito equivale a um passado distante demais para ser compreendido. No caso da história, envolve um passado recente que pode ser testemunhado e equivale a uma existência real no tempo.

Para o filólogo Max Muller, citado no livro "Mito e Linguagem" de Ernst Cassirer, o mito não é a transformação da história em lenda fabulosa, nem uma fábula aceita como história, também não surge diretamente da admiração de grandes eventos e configuração da natureza. Para ele, o que chamamos de mito é algo que está condicionado e mediado pelas atividades da linguagem: "É, na verdade, o resultado de uma deficiência linguística originária, de uma debilidade inerente à língua. Toda designação linguística é essencialmente ambígua, nesta ambiguidade, nesta "paronímia" está a fonte primeva de todos os mitos" (CASSIRER, 1992, p.18).

"Para responder a esta pergunta, temos de recorrer à etimologia, ou seja, devemos investigar a história da palavra. Dafne pode ser reportada à palavra *Ahanâ*, que em sânscrito significa "aurora". A partir do momento que sabemos disto, tudo se esclarece. A história de Febo e Dafne não é senão uma descrição do que se pode observar todos os dias: primeiro, a aparição da aurora (Dafne) no céu do Oriente, logo depois a do deus Sol (Apoio = Febo), que corre atrás de sua amada; depois o paulatino empalidecer da luminosa aurora ao contato dos ardentes raios solares e, ao fim, a morte e desaparecimento no regaço de sua mãe, a Terra. O decisivo no desenvolvimento do mito não foi, portanto, o próprio fenômeno, mas sim, o fato de que a palavra grega loureiro (δῆφ ??) se assemelhava à palavra sânscrita para designar aurora (*Ahanâ*). ? isto implica, devido a uma espécie de necessidade ineludível, na identificação dos seres que tais palavras designam."(CASSIRER, 1985, p.19)

Na análise de Muller, o mito não surgiu de forma arbitrária, mas sim quando uma mesma palavra denominava seres distintos ou então quando as palavras que designavam os seres se assemelhavam por sons ou por significados. Essa aproximação entre os sentidos ou entre os sons dos nomes fez com que pensamento humano criasse um símbolo mitológico da

palavra. Assim sendo, para Muller, o mito significa o poder que a linguagem exerce sobre o pensamento.

Através do pensamento de Muller, podemos dizer que o mito, quando reconhecido como uma forma externa do pensamento, é inevitável, é uma necessidade inerente à linguagem. A mitologia é a sombra que a linguagem projeta sobre o pensamento, e essa condição persistirá enquanto a linguagem e o pensamento não se sobrepõem. Ainda segundo o autor, a mitologia surgiu com mais força nos tempos mais antigos da mente humana, no entanto nunca desaparecerá totalmente. Temos hoje a nossa mitologia, com a diferença que não reparamos nela.

Ernst Cassirer (1992) na sua investigação sobre a origem da linguagem, faz uma relação entre o desenvolvimento da linguagem em etapas remota da história humana e as particularidades do pensamento mítico nelas predominante. A linguagem e o mito são submetidos às mesmas ou aos semelhantes processos espirituais do desenvolvimento humano.

Cassirer (1992), analisando a relação entre mito e linguagem, aponta para um provável surgimento de uma raiz comum que une a consciência linguística à consciência mítica, pressupondo que ambas repousam sobre uma mesma forma de concepção mental, o pensar metafórico. Para Cassirer, na busca por compreender a conexão e a diferença entre o pensar linguístico e o pensar mítico devemos partir da natureza e do significado da metáfora.

A metáfora é uma forma de comparação entre dois conteúdos em que ambos se assemelham em algum aspecto. Ao falar em metáfora Cassirer (1992) esclarece que:

“Pode-se tomar este conceito no sentido de que o seu domínio abrange tão somente a substituição consciente da denotação por um conteúdo de representação, mediante o nome de outro conteúdo, que se assemelhe ao primeiro em algum traço, ou tenha com ele qualquer «analogia». ” (CASSIRER 1992, p. 104)

Entretanto, esta ainda não é a metáfora que manifesta o falar primordial, uma vez que a definição anterior pressupõe a existência das classes semânticas entre as quais vai ser operada a deslocação metafórica. A metáfora inseparável das origens da linguagem é aquela em que “acontece não apenas uma transposição para outra classe já existente, mas a própria criação da classe em que ocorre a passagem”. (CASSIRER, 1992, p.106).

Sobre a metáfora Max Muller é citado.

“O homem, quisesse ou não, foi forçado a falar metaforicamente, e isto não porque não lhe fosse possível frear sua fantasia poética, mas antes porque devia esforçar-se ao máximo para dar expressão adequada às necessidades sempre crescentes do seu espírito. Portanto, por metáfora não mais se deve entender simplesmente a actividade deliberada de um poeta, a transposição consciente de uma palavra que passa de um objecto a outro. Esta é a moderna metáfora individual, que é um fruto da fantasia, enquanto que a metáfora antiga era mais frequentemente uma questão de necessidade e, na maior parte dos casos, foi mais a transposição de uma palavra levada de um conceito a outro do que a criação ou determinação mais rigorosa de um novo conceito, por meio de um velho nome”.
(CASSIRER, 1992, p. 103-104)

A metáfora, segundo Muller, era inevitável, pois o desenvolvimento intelectual não era suficientemente capaz de explicar certos fenômenos. Para Muller, esta metáfora antiga foi absolutamente necessária para o crescimento da linguagem e do pensamento humano, porque seria inteiramente impossível conhecer, compreender e designar o mundo exterior sem esta metáfora fundamental, “sem este ato de insuflar nosso próprio espírito no caos do objeto e de refazê-lo, voltar a criá-lo, segundo nossa própria imagem” (CASSIRER, 1992, p.104).

Cassirer (1992) evidenciando a relação ideacional entre a forma linguística e a forma mítica, indica uma relação recíproca que uma exerce sobre a outra.

"A linguagem e o mito se acham originariamente em correlação indissolúvel, da qual só aos poucos cada um se vai despreendendo como membro independente. Ambos são ramos diversos do mesmo impulso de informação simbólica, que brota de um mesmo ato fundamental e da elaboração espiritual, da concentração e elevação da simples percepção sensorial. Nos fonemas da linguagem, assim como nas primitivas configurações míticas, consoma-se o mesmo processo interior; ambos constituem a resolução de uma tensão interna, a representação de moções e comoções anímicas em determinadas formações e conformações objetivas”.
(CASSIRER, 1985, p. 106)

Na linguagem e na mitologia ocorre uma transposição simbólica do conteúdo sensível para uma conformação objetiva. As metáforas linguísticas e míticas nascem do mesmo esforço de concentração da percepção sensorial, particular a toda informação. Seja linguística ou mítica.

Nesse caso podemos observar o contraste que se torna evidente entre o conceito logico-discursivo e o conceito mítico-linguístico. O primeiro tipo de conceituação caracteriza-se pelo esforço de sintetização, de reunião da parte como um todo, sem que tenha uma perda da delimitação de cada uma das partes. No conceito mítico-linguístico, há um esforço de concentração e nivelamento, das diferenças das partes específicas.

Cassirer afirma que:

“Nos conceitos lógicos, começamos por alguma percepção individual isolada, para ampliá-la constantemente, para conduzi-la além de seus limites originais, através das novas relações que nela descobrimos incessantemente. O processo intelectual que aqui se desenvolve é um processo de completamente sintético, de reunião do singular com o todo e de sua consumação nele. Nesta relação com o todo, porém, o singular não perde a sua determinação e suas limitações concretas; insere-se na soma total dos fenômenos e, ao mesmo tempo, defronta-se com esta totalidade, como algo independente e próprio. A conexão cada vez mais estreita que relaciona uma percepção individual com outra, não significa que esta desapareça naquela. Cada "exemplar" individual de uma espécie está "contido" nela, assim como a espécie mesma está "incluída" dentro de um gênero mais elevado; isto, porém, não significa, de pronto, que ambos permanecem separados entre si, que não coincidem”. (CASSIRER, 1992, p. 107)

A respeito do pensamento mítico.

“Pois, no caso, o pensamento [mítico] não se coloca livremente diante do conteúdo da percepção a fim de relacioná-lo e compará-lo com outros, através da reflexão consciente, mas, colocado directamente perante esse conteúdo, é por ele subjugado e aprisionado. Repousa sobre ele; só sente e conhece a sua imediata presença sensível, tão poderosa que diante dela tudo o mais desaparece. Para a pessoa que esteja sob o encanto desta intuição mítico-religiosa, é como se nela o mundo inteiro se afundasse.” (CASSIRER, 1992, p. 52)

A partir dessa análise podemos compreender o distanciamento gradual entre linguagem e mito. Enquanto que nas formações míticas funciona apenas o nível de conceituação mítica-linguística, na linguagem atua, também, a força do *logo*. Essa força aumenta na medida que o espírito evolui, diminuindo o poder figurador da palavra reduzindo-a cada vez mais a mero signo conceitual. O caráter figurador da palavra, que a aproxima do

mito, não desaparece totalmente, ele sobrevive na expressão artística, sobretudo, nas poesias líricas, onde se evidencia a conexão entre linguagem e mito.

Para Cassirer (1992) o mito pode ser considerado uma primeira tentativa de racionalização das coisas, englobando nele a religião, a arte e a ciência. Com o passar do tempo e a evolução do pensamento logico-científico e filosófico essas áreas foram se afastando e se individualizando reduzindo o mito apenas para o campo da imaginação, tendo abrigo e continuidade na área da literatura.

Com o surgimento da psicanálise, principalmente com as interpretações de Sigmund Freud acerca dos sonhos e as teorias de Carl Gustav Jung sobre inconsciente coletivo, em suas pesquisas sobre o inconsciente e investigações sobre o imaginário, o mito ganha um espaço no interior da mente humana, pois os psicanalistas puderam detectar, nos seus pacientes, dramas existenciais presentes em alguns mitos, como exemplo o complexo de Édipo. Desta forma o inconsciente humano, que é representado principalmente nos sonhos, torna-se reflexo do pensamento mítico. As imagens presentes no inconsciente surgem como grande chave para conhecer o homem.

Carl Gustav Jung, citado em Everaldo Rocha (1996), propôs que, um mesmo conjunto de mitos e símbolos aparece em várias sociedades em torno do mundo. Povos separados no tempo e no espaço, diferentes culturalmente produziram imagens, figuras mitológicas e símbolos muito semelhantes. O inconsciente coletivo manifesta-se em imagens arquetípicas, que seriam impressões psíquicas, marca ou imagens primordiais, que em sua forma e significados são portadores de motivos mitológicos arcaicos. Todas as culturas produziram narrativas míticas, e em ambas pode-se observar a recorrência de certos símbolos e imagens.

Joseph Campbell (1991) fala sobre os mitos como pistas para as potencialidades espirituais da vida humana, aquilo que o homem é capaz de conhecer dentro de si e de experiência dentro de si. Para o autor, os homens estão tão absorvidos em fazer coisas, em atingir objetivos de valor externo que esquecem que o valor interno, o êxtase, associados ao simples fato de estar vivo é o que importa. Aqui o mito não exerce a função de buscar o significado das coisas, mas sim a de experiência deste significado. O mito está em um nível de referência onde metáforas se referem às coisas absolutamente transcendentais.

Para Campbell (1991) os mitos servem para muitas funções, a função básica é abrir o mundo para a dimensão do mistério. Depois vem o aspecto cosmológico do mito. Ver o mistério tal como se manifesta através de todas as coisas, de modo que o universo se torna

uma espécie de imagem sagrada e através dela o homem está sempre se dirigindo ao mistério transcendental.

Há também outra função, a sociológica, de validar e conservar uma certa sociedade. É esse o lado do mito que passou a predominar no mundo. O homem contemporâneo herdou as leis éticas, as leis da vida em sociedade. Um conjunto de normas sobre o que vestir, como se comportar com o próximo, conforme os valores de determinada sociedade.

O mito também ensina como o homem deve viver sob qualquer circunstância, o que Campbell chama de função pedagógica do mito.

Em uma visão mais ampla do tema é possível relacionar o mito como uma forma de conhecimento assim como a ciência e a literatura. O mito pela sacralidade ou pela religiosidade inerente a ele. A literatura é a forma de conhecimento que mais se aproxima do mito e dialoga com ele intensamente, pois opera por imagens. Enquanto que o discurso científico e filosófico operam exatamente por conceitos e ideias.

Claude Lévi-Strauss (1993) analisa as modificações que o mito vem tendo ao longo do tempo, apontando duas formas de alterações do mito: a lenda e a técnica romanesca. Nas duas formas o mito perde o seu papel de narrativa fundadora, desempenhando outra função. No caso da lenda, a função de legitimação histórica. Em qualquer um dos casos, percebe-se um enfraquecimento da formação mítica, sem que, no entanto, haja um total desaparecimento.

2- O MITO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DO POVO AMAZÔNICO

Considerando que em todas as sociedades há a manifestação do mito, como um modelo para conduta humana ou uma narrativa sobre a origem das coisas, é perfeitamente possível fazer uma relação entre mito e a identidade cultural de uma região ou de um povo. O mito e a cultura podem ser considerados como a base do desenvolvimento das práticas e das ações humanas responsáveis pela construção da realidade e do mundo.

Para entender como se dá o processo de formação de uma identidade cultural de um indivíduo ou de um povo, precisa-se, a princípio, estabelecer o conceito sobre o que é cultura e o que ela abrange.

Marilena Chauí (2000) em uma análise antropológica da cultura, afirma que, para entender como o mundo cultural surgiu, primeiramente, é preciso determinar em que momento e de que forma o homem se considera diferente da natureza. Nessa linha de pensamento, alguns antropólogos consideram que é preciso ir além do que a visão tradicional diz a respeito da diferença homem-natureza, que considera que o homem se difere da natureza por causa da linguagem e da ação por liberdade. Estes antropólogos, sem desconsiderar esta afirmação, consideram que a diferença homem-natureza aparece quando o homem cria uma lei que não poderá ser transgredida sem levar o indivíduo a uma punição, exigida pela comunidade: a lei do incesto, desconhecida pelos animais. A diferença, também surge quando a humanidade cria uma lei que quando transgredida leva a sociedade e o indivíduo a ruína: a lei que separa o cru do cozido, desconhecida dos animais

Para Chauí (2000), o importante é perceber que os antropólogos buscam algo que demarca o momento de separação homem-natureza como instante do surgimento da cultura. “Esse algo é uma regra ou norma humana que opera como uma **lei** universal, isto é, válida para todos os homens e para toda a comunidade.” (CHAUÍ, 2000. p. 374)

“A lei humana é um imperativo social que organiza toda a vida dos indivíduos e da comunidade, determinando o modo como são criados os costumes, como são transmitidos de geração em geração, como fundam as instituições sociais (religião, família, formas do trabalho, guerra e paz, distribuição das tarefas, formas do poder, etc.). A lei não é uma simples proibição para certas coisas e obrigação para outras, mas é a afirmação de que os humanos são capazes de criar uma ordem de existência que não é simplesmente natural (física, biológica). Esta ordem é a ordem simbólica.”. (CHAUÍ, 2000, p. 374).

Por símbolos, entende-se como algo que se apresenta no lugar do outro e se torna presente por aquilo que está ausente. Segundo Chauí (2000), quando se diz que a cultura é a invenção de uma ordem simbólica, pretende-se dizer que nela e por ela os homens atribuem novos significados para a realidade dos quais são capazes de se relacionar com o ausente.

“Pela palavra, pelo trabalho, pela memória, pela diferenciação do tempo (passado, presente, futuro), pela diferenciação do espaço (próximo, distante, grande, pequeno, alto, baixo), pela diferenciação entre o visível e o invisível (os deuses, o passado, o distante no espaço) e pela atribuição de valores às coisas e aos homens (bom, mau, justo, injusto, verdadeiro, falso, belo, feio, possível, impossível, necessário, contingente).

Comunicação (por palavras, gestos, sinais, escrita, monumentos), trabalho (transformação da Natureza), relação com o tempo e o espaço enquanto valores, diferenciação entre sagrado e profano, determinação de regras e normas para a realização do desejo, percepção da morte e doação de sentido a ela, percepção da diferença sexual e doação de sentido a ela, interdições e punição das transgressões, determinação da origem e da forma do poder legítimo e ilegítimo, criação de formas expressivas para a relação com o outro, com o sagrado e com o tempo (dança, música, rituais, guerra, paz, pintura, escultura, construção da habitação, culinária, tecelagem, vestuário, etc.) são as principais manifestações do surgimento da Cultura”. (CHAUÍ, 2000, p. 374-375)

Para Chauí (2000) a cultura é a manifestação dos valores e conversões sociais que habilita o homem como um ser racional e dotado de inteligência. A cultural então é o reflexo da evolução da mente humana.

Assim sendo, Chauí (2000) defini a cultura em três principais conceitos:

“1. criação da ordem simbólica da lei, isto é, de sistemas de interdições e obrigações, estabelecidos a partir da atribuição de valores a coisas (boas, más, perigosas, sagradas, diabólicas), a humanos e suas relações (diferença sexual e proibição do incesto, virgindade, fertilidade, puro-impuro, virilidade; diferença etária e forma de tratamento dos mais velhos e mais jovens; diferença de autoridade e formas de relação com o poder, etc.) e aos acontecimentos (significado da guerra, da peste, da fome, do nascimento e da morte, obrigação de enterrar os mortos, proibição de ver o parto, etc.);

2. criação de uma ordem simbólica da linguagem, do trabalho, do espaço, do tempo, do sagrado e do profano, do visível e do invisível. Os símbolos surgem tanto para representar quanto para interpretar a realidade, dando-lhe sentido pela presença do humano no mundo;

3. conjunto de práticas, comportamentos, ações e instituições pelas quais os humanos se relacionam entre si e com a Natureza e dela se distinguem, agindo sobre ela ou através dela, modificando-a. Este conjunto funda a organização social, sua transformação e sua transmissão de geração a geração”. (CHAUÍ, 2000, p. 375)

Nesse contexto Chauí aponta para um sentido amplo da cultura ou o sentido histórico-antropológico, em que a cultura é vista como um conjunto heterogêneo, nesse sentido não se deve falar em cultura, no singular, e sim em culturas, pois a lei, os valores, as práticas e as instituições variam de uma formação social para outra. Ainda se acrescenta a isso que uma mesma sociedade, por ser temporal e histórica, passa por transformações culturais amplas.

“A Cultura é a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística.

A religião, a culinária, o vestuário, o mobiliário, as formas de habitação, os hábitos à mesa, as cerimônias, o modo de relacionar-se com os mais velhos e os mais jovens, com os animais e com a terra, os utensílios, as técnicas, as instituições sociais (como a família) e políticas (como o Estado), os costumes diante da morte, a guerra, o trabalho, as ciências, a Filosofia, as artes, os jogos, as festas, os tribunais, as relações amorosas, as diferenças sexuais e étnicas, tudo isso constitui a Cultura como invenção da relação com o Outro”. (CHAUÍ, 2000, p. 376)

O objetivo da cultura é oferecer meios para que se utilize o ambiente externo para satisfazer as necessidades físicas e mental do homem e a possibilidade de que tais estruturas sejam transcritas de forma fácil de ser compreendida.

É possível dizer que cultura é movimento, é existência, uma característica particular e inerente do homem. Não é única, ela varia de acordo com o contexto, compõem-se em estruturas de significados socialmente estabelecidas, comportamentos, poderes, instituições, entre outros.

É através da cultura que o homem enxerga o mundo, que se relaciona com os outros, com o meio ambiente, com a natureza e adquire uma ordem moral e valorativa, comportamentos sociais e posturas corporais.

Nessa visão o mito se torna fundamental para a cultura, considerando que o mito seja uma construção simbólica e metafórica elaborada pelo homem para dar sustentação as regras,

pois permite a criação de estereótipos que induzem os indivíduos de uma sociedade a se comportarem de uma forma específica para a manutenção da ordem e do vínculo.

Segundo Marilena Chauí, o mito:

“? tem como função resolver, num plano simbólico e imaginário, as antinomias, as tensões, os conflitos e as contradições da realidade social que não podem ser resolvidas ou solucionadas pela própria sociedade, criando, assim, uma segunda realidade, que explica a origem do problema e o resolve de modo que a realidade possa continuar com o problema sem ser destruída por ele. O mito cria uma compensação simbólica e imaginária para dificuldades, tensões e lutas reais tidas como insolúveis” (CHAUI, 2000, p. 310).

As narrativas míticas expressam, simultaneamente, uma estrutura geral da mente do homem e uma solução parcial que uma determinada sociedade encontrou para o problema. Assim, a diferença homem-mulher, homem-animal, vida-morte, luz-trevas são diferenças que aflige todas as culturas de todas as sociedades, no entanto, cada cultura possui sua própria narrativa mítica para responder seus problemas.

O mito transmite informações sobre a humanidade e a sua posição na realidade. É um conhecimento englobante cuja sua finalidade é a compreensão da existência. O mito acompanha a humanidade desde a sua origem, por isso possui uma função essencial na cultura de um povo.

José Eduardo Franco (2004), vê as narrativas míticas da origem de um povo, como a consequência de um propósito de engrandecimento e de legitimação de uma realidade fenomênica que se descreve em um processo de construção histórica.

Como diz Mendes (1996), a mitificação pode ter uma função cultural importante, ajudando o homem a compreender e a explicar os anseios e os problemas que o tem preocupado.

Segundo Loureiro (2001), o mito ainda contribui ou contribuiu na formação das culturas, pois através de suas construções simbólicas e imaginárias, garante a permanência da organização social, sendo responsável pela formação de instituições e gerador de comportamentos.

O mito é parte fundamental do patrimônio cultural e isso o torna indispensável na identidade e identificação de uma comunidade. Pode-se dizer que os mitos fazem parte da identificação de uma comunidade e estão implícitos na sua identidade. O mito, enquanto

conhecimento histórico, está implícito na consciência de identidade das comunidades. A mitificação do passado permite proteger a integridade da nação e, desta forma, intervir no presente e futuro: “além de uma história-parecer, uma história-posição, torna-se uma história-desejo e uma história-profecia, cimentada num ideal patriótico ou institucionalista bem definido” (Franco, 2004, p. 58).

De fato, o mito tem o poder de conter em si a fundamentação da vida social e da cultura e se transformar em patrimônio cultural. Como patrimônio cultural é fundamental para a criação da identidade.

Se tratando de identidade cultural pode-se entender que ela é constituída por aspectos da identidade que aparece das atribuições do indivíduo, as culturas étnicas, religiosas, raciais, linguísticas, sobre tudo, nacionais. Estas atribuições fazem com que o indivíduo seja capaz de se identificar com as marcas particulares de uma cultura, comunidade ou instituição, entre outras possibilidades.

A identidade faz com que o indivíduo seja localizado socialmente e se localize em um sistema social. Desta forma, a identidade é, ao mesmo tempo, inclusão e exclusão. Inclusão, pois só fazem parte do grupo os indivíduos que são idênticos sobre algum aspecto ou certo ponto de vista e exclusão uma vez que, sobre o mesmo pondo de vista são diferentes de outros.

A construção da identidade se realiza no interior dos contextos sociais que define a posição dos agentes e, por isso mesmo, orientam suas representações e suas escolhas. A identidade se constrói e se reconstrói de forma constantemente no interior de trocas sócias. Desta forma pode-se compreender a identidade como uma construção que se organiza em uma relação que opõem um grupo aos outros grupos com os quais está em contato.

Por uma perspectiva culturalista, o indivíduo é guiado a interiorizar os moldes culturais que lhe são colocados, até o momento em que se identificar com seu grupo de origem.

Voltando para a questão do mito como fator importante para a formação da identidade cultural é possível dizer que, a identidade se dá na medida do significado e importância do mito, criando uma particularidade para um determinado povo. Então, é da aceitação do mito que ocorre ou se estabelece a influência no indivíduo e conseqüentemente ao seu comportamento.

No caso da região amazônica, a aceitação ocorre ou é percebida quando faz parte do homem presente nesta região, sendo ele o caboclo, o ribeirinho ou o indígena que revive a sua

origem em entes sobrenaturais e que, de certo modo interfere na realidade presente influenciando no comportamento dos indivíduos.

De origem indígena ou cabocla, as lendas fazem parte da cultura e do cotidiano do povo amazônico e quando as gerações mais jovens entram em contato com as narrativas das lendas, através do processo de contar, ler e ouvir, possibilita a essa geração a compreensão dos tempos primordiais. Essa geração traz para si como realidade os acontecimentos a ela narrados, fazendo viver na imaginação essas narrativas, isso contribui para a formação da identidade do homem como e onde ele vive, no entanto, isso somente é possível com a aceitação e identificação desse homem com todos os valores transmitidos e o lugar onde vive. E neste contexto, as lendas têm um papel preponderantes, pois a lenda sistematiza e ordena realidades.

As lendas amazônicas têm uma relação com o mito no que tange ao seu caráter de essência, de explicação de uma realidade. As lendas narram um acontecimento fabuloso que explica o princípio de alguma realidade.

As lendas contribuem na formação da identidade do homem, pois modifica o modo de pensar e agir daqueles em que nelas acreditam. Muitas das lendas amazônicas são retratadas em festas populares e fazem a mediação entre cultura e indivíduo. Estão associadas às narrativas das lendas elementos da fantasia, do sonho e do real, além de recuperar os moldes arquetípicos. A lenda é o acervo cultural revivido pelos mais velhos para que os jovens possam conhecer e passar a fazerem parte dessa realidade.

A formação de identidade do homem ocorre quando este estar integrado com a cultura, é a partir daí que o mito exerce a sua influência. No caso do povo amazônico, essa influência e aceitação cultural acontece por conta da vivencia harmoniosa do homem com a floresta.

Pode se dizer que o mito e as lendas fazem parte da identidade do povo amazônico e o efeito dessa relação do homem com sua cultura e o meio onde vive é o encantamento deste homem pelos diferentes modos de ver a realidade.

A Amazônia possui um conjunto de conhecimento característico dessa região. Esse conhecimento quando repassado pelos mais velhos para a próxima geração, reafirma e fortalece o mito e a identidade cultural. A maneira de andar na floresta, remédios, tipos de alimentação são alguns dos conhecimentos do povo amazônico que apesar da ciência e do avanço tecnológico são indispensáveis para este indivíduo e para manter viva as tradições.

A oralidade é uma das características principais das lendas e são passadas de forma subjetiva, fazendo com que haja muitas variações da mesma história. As lendas também trazem à tona temas característicos de cada região, fazendo uma ligação entre cultura e indivíduo.

A lenda possui uma relação íntima com o indivíduo, pois contém referências geográficas do local em que ocorre os fatos. A sua narrativa traz consigo a explicação de fenômenos da natureza, da origem do homem ou de costumes de um povo. As lendas contribuem para a formação cultural de um povo na medida que edificam uma maneira de viver de determinadas pessoas na sua moral ou na sua forma de agir através dos hábitos e costumes.

A Amazônia possui uma diversidade cultural extremamente grande, sendo muito rica em lendas e outras narrativas, fato este que certamente influencia e interfere na formação cultural de seu povo.

Vários autores da literatura já retrataram em suas obras essas diversidades características dessa região. Fazendo com que as tradições e os costumes do povo sejam divulgados e reafirmados.

3- O VALOR DO MITO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE INGLÊS DE SOUSA

No decorrer do tempo e com a evolução do pensamento humano o mito sofreu muitas transformações, pois perdeu seu caráter de narrativa voltada a explicar o surgimento de uma realidade para ser inserida na literatura e se transformar em uma narrativa de caráter fantasioso, porém a essência do mito não desapareceu totalmente. Alguns elementos constitutivos permanecem em algumas elaborações das narrativas modernas. Podemos perceber um desses elementos, segundo Campbell (1991), nas realizações e nas jornadas dos heróis em diversas narrativas de diferentes épocas. Para Campbell (1991) existi dois tipos de proezas do herói mitológico as quais estão presentes nas narrativas modernas. Uma é a ação física em que o herói consegue realizar um ato de guerra, salvar uma vida, sacrificar-se por outra pessoa. E o outro tipo é o herói espiritual que aprende ou encontra uma forma de experimentar um nível supranormal da vida espiritual humana e retorna da sua jornada para comunicar aos outros.

O mito está associado ao rito e à oralidade, à tradição popular, o que não impede que tenha sido registrado em obra literária e seja recebido como texto datado. Sendo assim, por esse aspecto, a literatura é o verdadeiro receptáculo para o mito. Segundo Eleazar Mielientisky (1987), a literatura está geneticamente ligada ao mito.

No âmbito da literatura pode-se encontrar várias narrativas de diversos autores que fazem referências a mitos e lendas em suas obras. Pode se citar, por exemplo, o autor Inglês de Sousa, que incorpora nas suas narrativas lendas provenientes da região amazônica. É possível encontrar na obra de Inglês de Sousa “Contos amazônicos” uma intenção de registro da região, para abordagem desse espaço os mitos e lendas são incorporados a ficção.

“Contos amazônicos”, foi o último livro do autor, publicado em 1893, no contexto literário do naturalismo. Essa obra é dividida em nove contos, dentre eles, há os que se situam no âmbito da literatura fantástica. Mitos e lendas aparecem com frequência nesta narrativa e são incorporados à ficção, retratando bem a situação do povo daquela região. Uma das histórias que apresenta esse aspecto é o conto Acauã.

Para situar o leitor, vai ser feito um resumo do referido conto.

“Acauã” narra a história do capitão Jerônimo Ferreira, morador da antiga vila de S. João Batista de Faro que voltava de uma caçada a que fora para distrair-se do profundo pesar causado pela morte da mulher que o deixara subitamente só com uma filhinha de dois anos de idade.

Jerônimo se perde quando retornava para sua casa, desorientado, às margens do rio Nhamundá, o homem ouve o ruído da cobra sucuriçu, cujo gritos indicavam um laborioso parto. Com medo o capitão começou a correr e próximo a sua casa acabou caindo, o ruído da sua queda espantou um pássaro escuro que saiu dali cantando: “acauã! Acauã”. A queda deixou Jerônimo inconsciente. Quando recobrou a consciência percebeu no rio um estranho objeto em forma de canoa vindo em sua direção. Dentro da canoa havia uma criança que o homem resolveu adotar e criar junto com sua filha legítima, Aninha.

Aninha era uma criança bonita e alegre que com o passar do tempo, depois da chegada de Vitória, a criança encontrada na canoa, se tornou uma jovem pálida e fraca

Nesse momento o conto se concentra na relação entre as duas irmãs, em que se percebe que há uma relação de controle exercida pela filha adotiva Vitória diante de Aninha. Vitória demonstrava um comportamento estranho enquanto que Aninha sofria de algum mal ou doença.

Aninha foi pedida em casamentos por duas vezes. Na primeira vez, inicialmente a moça aceitou o pedido deste pretendente, porém por algum motivo não explicado pela moça, ela desfez o combinado e o casamento não se realizou. Na segunda vez em que um pretendente propôs casamento à Aninha aconteceu a mesma situação, no primeiro momento a moça aceitou o pedido, mas logo depois rejeitou a proposta. No entanto, diferentemente da primeira vez, o capitão Jerônimo obrigou a moça a se casar.

Ao final do conto no dia do casamento de Aninha, todos se faziam presente, menos a filha adotiva de Jerônimo. Porém, quando Aninha e o noivo estavam no altar, Vitória aparece na porta da igreja e se revela em uma figura monstruosa, com uma cabeleira feita de cobras, com as narinas dilatadas e a tez verde-negra, a boca aberta mostrando sua língua fina e bifurcada. Aninha por sua vez caiu ao chão e teve terríveis convulsões. Depois dobrou os braços como asas, bateu-os e gritou a palavra acauã, que ecoou pela igreja. Por cima do telhado uma voz respondeu repetindo a palavra.

Acauã é um falcão que mede entre 45 e 57 centímetros, do tamanho de uma galinha comum, que habita florestas úmidas, mas também pode ser visto em lugares secos como a caatinga e o cerrado. Possui uma coloração creme e uma máscara preta que camufla os olhos. Este falcão é especializado na captura de serpentes principalmente de tamanhos variados sendo de espécies inofensivas ou até mesmo as peçonhentas, também pode se alimentar de morcegos e pequenos lagartos. O acauã costuma cantar ao entardecer e ao amanhecer, esses chamados duram vários minutos, pode ser realizado por um indivíduo solitário ou pelo casal

em um dueto. Seus chamados são tão altos que cobre a maioria dos sons produzidos na mata. Quando em casais o Acauã pode cantar em dueto constantemente durante 9 minutos ininterruptos e reproduzindo no final do canto o som característico que lhe dá o nome, acauã.

A acauã existe em muitas lendas indígenas e o seu canto pode representar tanto algo bom quanto mau agouro, dependendo da região. No folclore amazonense, diz-se que o canto do acauã prenuncia a chegada de forasteiros. Em outros lugares, acredita-se que causa a morte de alguém da casa, enquanto em outros, a chegada da boa sorte e da fortuna.

Para a tribo dos Tupinambás o canto melancólico da ave conhecida por eles como “*macauan*” é reconhecido como um sinal das almas, uma mensagem benéfica dos antepassados. Eles atentamente escutavam esta ave profética dias inteiros e usavam um ritual para evocá-la.

Para os Guaranis a ave acauã denomina-se “*macaguá*”, e pelo fato de a ave ser predadora de serpente é considerada santa e encantada, protetora contra picadas de serpentes. No entanto, para as mulheres guarani o canto da acauã é sinal de desgraça iminente.

O canto prolongado da ave era motivo de preocupação para a imaginação dos índios Tapuias. Para eles aquele que ouve o canto, enlouquece aos poucos e depois sofre com terríveis convulsões. A vítima do canto vai definhando aos poucos repetindo de tempos em tempos, a palavra acauã. O mais estranho, no entanto, é que a doença passa de uma mulher à outra. Basta que uma tapuia tenha ouvido a acauã para contagiar todas as suas vizinhas.

Percebe-se pelo contexto da narrativa de “acauã” que o autor utilizou como referência as lendas que representam coisas ruins relacionadas a ave e ao seu canto.

O canto como anunciador de desgraça pode ser visto em dois momentos da narrativa. O primeiro momento foi quando Jerônimo caiu e acabou espantando a ave que estava repousando em uma árvore, nesse momento a desgraça se configura quando o capitão leva a criança que estava na canoa para criar, pois entende-se que a criança que ele estava levando era a filha da cobra grande. O segundo momento se dá quando a ave sobrevoa a igreja cantando em resposta aos gritos de Aninha. Esse canto pode simbolizar a morte da personagem.

Pode-se relacionar também o que aconteceu com Aninha na igreja, em que ela dobrou os braços no formato de assas e começou a gritar o nome acauã, com as preocupações dos índios Tapuias citadas anteriormente.

O próprio nome da ave representa uma relação antagônica entre Aninha e Vitória, pois acauã é uma palavra indígena que significa grande pássaro que ataca serpente. Essa

característica da ave justifica o seu aparecimento toda vez que a serpente se manifestava: no momento do parto e no momento do aparecimento da Vitoria na forma de serpente. Contudo, no conto os papéis se invertem, pois, é Aninha que demonstra sentir medo e em algumas situações parece ser subjugada pela irmã.

Não somente da ave acauã que se tem referências das lendas amazônicas no conto, mas também existem algumas lendas relacionadas as cobras que podem ser percebidas no texto de Inglês de Sousa.

Um exemplo disto é a lenda da cobra-grande que é uma das mais conhecidas lendas do folclore amazônico. Esta lenda fala de uma imensa cobra, também chamada Boiúna, que cresce de forma gigantesca e ameaçadora, abandonando a floresta e passando a habitar a parte profunda dos rios. Ao rastejar pela terra firme, os sulcos que deixa se transformam nos igarapés. Conta a lenda que a cobra-grande pode se transformar em embarcações ou outros seres, até mesmo humanos. Essa característica que a cobra tem em se transformar em embarcações pode ser observado na passagem do conto acauã onde Jeronimo encontra Vitoria. A canoa em que a criança estava pode ser perfeitamente a cobra Boiúna transformada.

Outra referência de lenda que é possível relacionar ao conto, é a lenda de uma índia na Amazônia que engravidou da Boiúna e deu à luz a duas crianças gêmeas, um homem e uma mulher. Essa lenda diz que a mãe para se livrar das crianças jogou-as no rio. Se tratava de uma criança boa, chamado de Honorato, e uma criança com personalidade bastante perversa, Chamada de Maria. Em relação ao conto acauã é possível relacionar esta lenda com as personagens Aninha e Vitoria, pois na narrativa elas foram criadas como se tivessem a mesma idade. Outro traço semelhante entre a lenda e o conto são as personalidades muito diferentes entres as irmãs. Enquanto que Aninha aparentava ser bondosa, Vitoria demonstrava uma personalidade suspeita.

O fato de Jeronimo ter saído para caçar em uma noite de sexta-feira, torna-se um fato preponderante para a sequência da narrativa, pois no conto a sexta-feira é visto como um dia de azar. Levando em consideração que no conto a narrativa se refere a maldições, é perfeitamente compreensível dizer que o autor liga as maldições e as lendas por essa circunstância. Vale lembrar, saindo da ficção, para muitos a sexta-feira é vista como dia agourento.

É interessante a forma com que o autor liga as lendas representadas no conto. Embora os mitos tenham historias isoladas, na narrativa elas se ligam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou uma compreensão maior a respeito do mito e de toda a sua complexidade. Foi possível perceber que o mito é mais do que uma simples narrativa fantasiosa vinculada com o irreal. O mito é uma narrativa que serviu e serve de base tanto para a literatura quanto para a conduta e os valores da humanidade. É possível afirmar que o mito foi a primeira ciência e a primeira religião das sociedades arcaicas.

Neste trabalho foi verificadas várias teorias a respeito deste termo. De certo é que em várias o mito se apresenta como uma figura metafórica ou como um símbolo. Símbolo este que pode ser percebido em várias culturas diferentes, pois os problemas que preocupam o homem é sempre o mesmo e estar presente em todas as sociedades.

O valor do mito vai além de uma herança literária. O mito é um elemento fundamental para a formação de uma cultura e consecutivamente para a formação do indivíduo que está inserido nesta cultura. É através dele, o mito, que o ser humano conhece sua essência, a sua origem e se integra com sua cultura e com a natureza. As narrativas míticas são o caminho quando o homem não sabe para onde ir. O mito é uma tentativa do homem para responder questões para ele desconhecidas. As histórias mitológicas apenas tentam expressar uma verdade que não pode ser captada de outra maneira.

Só é possível perceber o valor do mito nas sociedades em que essas narrativas ainda possuem vida. Na Amazônia por exemplo é possível encontrar pessoas que acreditam em lendas provenientes desta região, lembrando que as lendas são formas de caracterização dos mitos.

Por fim, foi feita uma análise do conto de Inglês de Sousa “Acauã” contido no livro “Contos Amazônicos” para verificar as referências mitológicas contida nesta obra e analisar o modo como o autor utiliza as lendas amazônicas para fazer parte do enredo em sua narrativa.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Helena de Jesus Abreu. Reflexões sobre cultura e mito: Revisitando os clássicos. Presença: Revista de educação, cultura e meio ambiente, Porto Velho, Fundação Universidade Federal de Rondônia, ano 4, n. 21, dezembro, 2000.
- CAMPBELL, Joseph. O poder do mito: Palas Athena, 1991.
- CASSIRER, Ernste. Linguagem e Mito. 3º edição. São Paulo: Perspectiva. 1992.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ed. Ática. 2000.
- ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva. 1972.
- FRANCO, José Eduardo. Mitificação das origens das nacionalidades: Portugal no âmbito da afirmação das nacionalidades europeias na modernidade. 2004.
- LIMA, Antônia Silva de; OLIVEIRA, Sebastiao Monteiro. O mito na formação de identidade.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura amazônica uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras. 2001.
- MARTINS, Matheus; TEIXEIRA, Marcos. Cenas da vida do Amazonas: um estudo dos contos de Inglês de Sousa. In: *Revista de Literatura - 2006*. Belo Horizonte: Associação Pré-UFMG, 2005, p. 31-62.
- MENDES, José M. Amado. Características da cultura portuguesa: Alguns aspectos e sua interpretação. Revista Portugal de história, Coimbra, 1996.
- MIELIENTISKY, E. M. A poética do mito. Rio de Janeiro: Forense. 1987.
- MONFARDINI, Adriana. Mito e a Literatura. Terra roxa e outras terras: Revista de estudos literários, Londrina, Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, ano 5, n. 5, 2005.
- ROCHA, Everardo. O que é Mito. Brasília: ed. Brasiliense. 1996.
- SOUSA, Inglês de. Acauã in:_____. Contos amazônicos. São Paulo: Cadernos do mundo todo. 2017.
- SOUSA, Jenny Gil. Os mitos de origem e a identidade cultural: A presença de D. Dinis no imaginário leirense.

VERNANT, Jean-Pierre. Mito e sociedade na Grécia antiga. Rio de Janeiro: José Olympio. 1992.

SITE VISITADOS

ACAUÃ - Portal São Francisco. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/animais/acaua>. Acesso em: 10/01/2018.

AVES DO BRASIL. Folclore, superstições, lendas e historias (aves do Brasil: Acauã) – Wordpress. Disponível em: <https://nuhtaradahab.wordpress.com/2011/01/25/folclore-supersticao-lendas-e-historias-aves-do-brasil-acaua/>. Acessado em: 10/01/2018.

CAMPBELL, Joseph. Joseph Campbell e o poder do mito - Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Ama3yhe1wI&t=151s>. Acessado em: 01/01/2018.

COBRA GRANDE (Cobra Honorato) - Só histórias. Disponível em: <http://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/honorato/>. Acesso em: 10/01/2018.

CONTOS E LENDAS: Boiuna – Contos e lendas. Disponível em: <http://contoselendas.blogspot.com.br/2005/01/boiuna.html>. Acesso em: 10/01/2018.

MENQ, W. (2018). Acauã (Herpetotheres cachinnans) - Aves de Rapina Brasil. Disponível em: http://www.avesderapinabrasil.com/herpetotheres_cachinnans.htm. Acesso em: 10/01/2018.

